

Ministro na cidade mineira: cristianismo prático nos arredores de *Morgantown* (WV)

ANDRÉ AUGUSTO BOUSFIELD¹

INTRODUÇÃO

Nesta comunicação observamos um evento religioso ocorrido nos EUA na década de 1940. Tratamos sobre um ministro religioso, pastor presbiteriano, estadunidense, Richard Charles Smith. Esse pastor trabalhou pastoralmente numa comunidade de operários de mina de carvão em *Morgantown* (WV).

Para observarmos e analisarmos esse evento buscamos apoio no campo teórico da História, Sociologia e Teologia. Entendemos que um estudo analítico de atividades religiosas é importantíssimo para o entendimento de certas realidades históricas, sobretudo em contextos onde a modernidade, o conceito ufanado de progresso e o capitalismo se manifestam. Max Weber (1864-1920) ofereceu muito bem esse aporte (WEBER, 2001: 13). Weber, mostra que os conceitos racionais práticos legados por religiões, também podem contribuir para a formação de uma realidade social e não só o fator econômico (WEBER, 2001: 30), como afirmam os primeiros pensadores do materialismo histórico dialético (MARX, ENGELS, 2001: 40).

No entanto, é com Norbert Elias (1897-1990) que entendemos que sociedade e indivíduo não existem um sem o outro, não seria possível sua existência e, dessa condição, não há de se considerar um mais importante do que o outro (ELIAS, 1994: 18). A relação é apenas relacional, uma forma de relacionamento, que é extremamente problemática, pois nunca ocorre da mesma forma, e os resultados dessas relações são sempre novos, diferenciados (ELIAS, 1994: 19). O que ocorre nessas infinitas possibilidades de relações

¹ O autor é Doutorando em Teologia e História pela Faculdades EST de São Leopoldo (RS) sendo bolsista da CAPES; possui Mestrado em Educação pelo Programa de Pós graduação da UNESC (2009); graduação em História (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2006); é Bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia (2012); graduando em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília; possui curso livre de Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (2002).

são redes de dependência, às vezes invisíveis, tecidos de relações móveis, nem sempre propositais e tão pouco generalizantes (em formas de leis gerais e totalizantes). Escreve Norbert Elias que: "A relação entre os indivíduos e a sociedade é uma coisa singular. Não encontra analogia em nenhuma outra esfera da existência" (ELIAS, 1994: 25). Por isso os objetos dessas observações, são sempre a partir do foco relacional no mundo social.

Outro aporte teórico, visualizamos com Marc Bloch que buscou superar a narrativa factual de eventos humanos por uma busca analítica de uma "história-problema" (BOUSFIELD, 2009: 35). Isso abrange a análise histórica de todas as atividades humanas (políticas, econômicas, religiosas e etc.). Além disso, há a necessidade de colaboração com outras disciplinas como: A geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social (BURKE, 1997: 12). E mais, as fontes se tornam muito mais abundantes a partir desse referencial, pois agora não são apenas documentos oficiais, mas, correspondências, panfletos, imagens, entrevistas, a imprensa. Tais fontes não são mais reproduzidas como uma visão cristalina da história efetiva, mas são problematizadas e passíveis de análise crítica (BLOCH, 1998: 15).

Buscamos nessa análise, refletir sobre o lugar da biografia para essa análise histórica. François Dosse em sua obra *O desafio biográfico: escrever uma vida*, nas primeiras linhas de sua introdução coloca-nos que: "Escrever uma vida é um horizonte inacessível, que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender" (DOSSE, 2009: 11). Ela sempre terá um caráter híbrido, será de difícil tarefa classificá-la numa disciplina organizada, pois quase sempre ela se pulveriza em tentações contraditórias - "como a vocação romanesca, a ânsia de erudição, a insistência num discurso moral exemplar" - o que "fizeram dele (o gênero biográfico) um subgênero há muito sujeito ao opróbrio e a um déficit de atenção" (DOSSE, 2009: 13). Porém, o mesmo autor nos elucida que essa aproximação é possível e tem ocorrido inclusive nos arraiais da História, transformando alguns dos seus estatutos epistemológicos mais sagrados (DOSSE, 2009: 18).

Já com a Teologia, sobretudo a Teologia da Libertação, o mundo social é passível de ser observado e problematizado. Lidamos aqui com uma prática religiosa que pressupõe

um viés teológico que busca uma "libertação" para um grupo especial. Tal análise teológica perpassa por aquilo que João Batista Libânio chama de "círculo hermenêutico", onde as perguntas sobre a realidade devem ser de base, problematizadoras, e oriundas do presente (LIBÂNIO; MURAD, 1996: 339).

Dito isso, observemos esse evento ocorrido em *Morgantown* a partir das práticas pastorais de Richard Charles Smith.

1. O estadunidense e presbiteriano: Richard Charles Smith.

Richard Charles Smith, estadunidense do estado de Nova York, nasceu em 14 de Dezembro de 1914 na cidade de Morrisville (SMITH, 19-?). De classe média e vivendo os impactos sociais e econômicos da "Quebra da Bolsa de Nova York", foi realizar seus estudos teológicos no Seminário Teológico de Princeton, no final da década de 1930, entre 1937 a 1941 (SMITH, 1987).

Membro da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (PCUSA) foi ordenado (investido) em 1941 ministro presbiteriano (SMITH, 19-?). Fora casado com Beatrice Boot Smith, que também era filha de missionários que trabalharam fora dos EUA (SMITH, 1987). Em *West Virgínia* exerceu trabalho religioso, ou seja, trabalho pastoral na cidade de *Morgantown* e arredores, na década de 1940 entre 1941-1952 (SMITH, 19-?).

2. O ministro em *Morgantown* e a Solidariedade fiel

Nessa região da cidade de *Morgantown*, a exploração do carvão mineral e os problemas relacionados a essa industria como: Acidentes de trabalho, a crise econômica americana que expressavam-se efetivamente no mundo social devido a "Quebra da Bolsa",

a segregação racial de brancos e negros, algo bem vivo nessa região nesse período, sobretudo por fazer parte dos estados americanos do sul dos EUA, e o problema ambiental que devido a exploração do carvão contaminava solo, água, ar e população, eram latentes (SMITH, 1987). Por um viés social Richard C. Smith entendia que esses problemas precisavam ser solucionados e a Igreja cristã tinha responsabilidades nessa função. A busca por essa solução Smith intitulava de Solidariedade Fiel:

É este trabalhador, o qual muitas vezes tem sido separado e afastado da Igreja e do seu Cabeça, Jesus Cristo, que nós precisamos alcançar. É ele, que vai entender melhor o Evangelho nos termos da solidariedade fiel de Deus em Jesus Cristo. Essa palavra solidariedade, está no vocabulário, no pensamento comum do operário, especialmente na tradição sindical-industrial, no mundo inteiro. Então solidariedade é um conceito pertinente ao ponto de vista da experiência prática do operário, do ponto de vista da sua cultura (SMITH, 1964: 92).

Para Smith:

A solidariedade implica em camaradagem ou em unidade no sentido de colocar-se ou estar de pé ao lado. A solidariedade fiel significa que as limitações da camaradagem e unidade são compreendidas claramente, isto é, Deus não é homem e, por outro lado, homem não é Deus: igreja não é mundo e mundo não é igreja (SMITH, 1964: 95).

As raízes da palavra "solidariedade" encontram-se no comunismo, segundo Smith, mas ele justifica que:

(...),esta palavra, solidariedade, originou-se com os comunistas franceses e tem o sentido de ‘camaradagem no bom êxito e no fracasso; na honra e na desonra; na vitória e na derrota, e o sentido, de estar todos no mesmo barco’. Mas esta palavra pertence também ao vocabulário do operário não-marxista e está usada nos jornais da Organização Regional Interamericana de trabalhadores (ORIT). Mais recentemente, a igreja cristã também tem dignificado esta palavra. [...].

Seu empenho também passava pelo fato de que em muitos ambientes, o Sindicato transformou-se em num refúgio pegando para si o que era para ser obrigação da igreja cristã, conforme ele coloca:

[...] é ao lado do mundo inteiro que a igreja deve colocar-se, isto é, o mundo inteiro no sentido da raça, cultura, da classe, da região geográfica. Onde tal solidariedade ainda não tenha sido realizada plenamente, a igreja torna-se um “gueto”. Na nossa época a igreja cristã, aqui e ali, já se tornou um “gueto burguês”. Por esta negligência o operário sente-se mal recebido e separa-se da igreja ou nunca se une a ela. Ora esse operário, contudo, aterrorizado pela

solidão, insegurança e medo de nossa época, procura e acha comunidade fraternal e íntima em outro lugar, isto é, na camaradagem do sindicato operário. Neste caso o sindicato tornou-se um substituto da igreja. Precisamos censurar o sindicato operário quando usurpa o papel da igreja, mas precisamos julgar com muito mais severidade a igreja que repetidamente esquece ou repele o operário (SMITH, 1964: 98).

A crítica se especifica ao clero protestante quando se ausenta desse meio, e quando não prega um Cristo humano:

Quem me dera que todos os meus irmãos (pastores) aprendessem um trabalho manual e assim se tornassem uma das ovelhas por um pouco. Far-lhes-ia um bem indescritível ter também mãos sujas e rostos sujos, trezentos dias em um ano; suar sobre o mesmo trabalho, pertencer ao mesmo sindicato, comer o mesmo almoço frio, morar no mesmo bairro insatisfatório e receber o mesmo pagamento semanal. Deviam ficar até aprender que a paga do púlpito e o macacão da oficina são feitos da mesma fazenda (SMITH, 1964: 109). (...). A igreja através dos séculos, tem apresentado Cristo como Senhor, Filho de Deus, o Divino, e tem falhado muito frequentemente em apresentá-lo aos homens como Jesus, o carpinteiro, o Filho do homem, o homem (SMITH, 1964: 112).

Alguns trabalhos específicos de Smith naquela comunidade, chamaram a atenção da imprensa estadunidense. Além disso, chamou também atenção da Casa Branca. Vejamos como essas se expressaram, e que trabalhos pastorais de Smith elas mensuraram.

3. Ação pastoral pelo viés do Evangelho Social: segurança, lazer, dignidade e espiritualidade

No ano de 1946, na Segunda-feira do dia 10 de Junho, a revista *Time*, publica no tópico RELIGIÃO, o artigo: Trabalhando na Cristandade (RELIGION, 1946: 52). O referido artigo trata do trabalho pastoral, mas com ênfase social, do então recém formado pastor Richard Charles Smith:

Em uma noite chuvosa em 1941, um jovem ministro presbiteriano e sua noiva de cabelos escuros, chegou em sua primeira paróquia. *Scotts Run*, perto de

Morgantown, West Virgínia, um lugar monótono com uma população comum - uma comunidade de mineradores de carvão. Em suas casas sem pintura, estabelecidas entre uma área de solo estéril, viviam 5000 pessoas ligadas a mineração. Mas, *Scotts Run* foi justamente o que o Reverendo Richard Charles Smith quis para viver (RELIGION, 1946: 52).

Há uma ênfase meritória, um elogio ao evento que trata de um pastor jovem querer uma comunidade tão atípica, contrária daquilo que podemos chamar de um ambiente de qualidade de vida. Trata-se de uma região de mineração, visível e socialmente marcada pelos efeitos maléficos da mineração do carvão mineral.

Expressando-se a *Time*, Smith sobre seu trabalho: "Quando Cristo esteve na terra, Ele fez o cego ver, o coxo andar. Nós também acreditamos num ministério que atinja todos os dias das pessoas, a fim de satisfazê-las em suas necessidades espirituais" (RELIGION, 1946: 52).

A *Time* também expressou-se de forma positiva quando Richard C. Smith apresentava-se como "Capelão industrial", pois empolgadamente, ele e sua esposa, segundo averiguação da *Time*, "viveram com o seu rebanho, suas ovelhas, servindo-os, nas linhas de frente de produção, descendo às minas, atendendo e participando nas reuniões de sindicatos, e ajudando com aulas sobre segurança em minas" (RELIGION, 1946: 52). Sua presença era tão real entre essa população mineira, que ele residia na "Cabana, um prédio longo e estreito, branco e verde e prensado entre faixas de ferrovias e a rodovia estadual número 7" (RELIGION, 1946: 52).

A Cabana, era a residência do pastor do estado de Nova Iorque, mas também era a sede do seu trabalho. Para *Time*, a Cabana foi símbolo desse tipo especial de ministério exercido por Smith: "Seus 24 quartos incluía um auditório e uma cozinha para festas da comunidade. Smith acrescentou um campanário para transformá-lo em Igreja também" (RELIGION, 1946: 52).

A revista *Time* chamou esse tipo de trabalho cristão de "Igreja prática", uma "Igreja com atividades sociais e espirituais", colocando que nos primeiros cinco anos esse ministério de Dick Smith (um apelido popular dado ao pastor em *Scotts Run*) junto com sua esposa apresentou e executou: os cultos aos domingos, aulas de escola dominical, instrução

para o ensino religioso na escola pública, escolas bíblicas de férias; um programa de rádio que era apresentado aos Domingos na estação de rádio *Morgantown* WAJR (RELIGION, 1946: 52).

O trabalho chamou atenção da *Time*, porque o mesmo chegou a Casa Branca, representada pela família Roosevelt. E além disso, não se tratavam apenas de eventos de cunho religioso, mas de trabalho social em forma de segurança, recreação, esporte e lazer:

Os Smiths estabeleceram uma biblioteca de 3500 volumes na Cabana (A Senhora Roosevelt e o falecido presidente enviaram livros). Os garotos e garotas de *Scotts Run* usam a Cabana para praticar, tiro ao alvo com arco e flecha, croqué, ping-pong, danças ("nós temos uma *juke box*", orgulha-se Smith, " e não temos vergonha de admitir isso"). Da mesa de bilhar da Cabana ele diz: "Esse andar nos coloca mais próximos da cervejaria" (RELIGION, 1946: 52).

Percebemos aqui uma visão teológica de Smith que perpassa diretamente por critérios de moralidade e direito, ou seja, de que operários e seus filhos podem e devem desfrutar de prazeres sociais que naquela época era somente acessado por camadas da sociedade mais privilegiadas em termos de renda financeira. Além disso, as práticas do esporte e da dança, inclusive para jovens, ou jogo de bilhar, ou mesmo tomar cerveja, práticas ofensivas ao embrião fundamentalismo protestante de cunho puritano nascente no século XIX nos EUA (CAMARGO, 1988: 254), para Richard Charles Smith eram direitos espirituais e ao mesmo tempo sociais. Evidencia-se aqui o que é considerado uma prática segundo os critérios práticos do chamado Evangelho Social.

4. Uma piscina contra a segregação: por lazer e integração étnica

Foi destaque na *Time* o reconhecimento tanto de proprietários de minas como de mineiros pelos serviços sociais prestados encabeçados pelo pastor Richard C. Smith. Nesse mesmo artigo, a *Time* pontua que na semana anterior ao artigo publicado, um dos projetos de Dick Smith mais queridos, socialmente falando, foi construído e inaugurado: Uma

piscina, para aulas de natação e patinação do gelo aos filhos e filhas de mineiros. Talvez, tenha sido essa inauguração que tenha chamado a *Time* a fazer uma reportagem sobre o pastor Smith. Porém essa inauguração, que segundo a *Time* promoveu um ato ecumênico, com a presença da Igreja Católica Romana e Presbiteriana, além da liderança sindical e comerciantes de carvão, revela algo que a *Time* não explicitou. O artigo da *Time* termina com uma frase de Smith: "Se essas atividades não se caracterizam como serviços cristãos, eu não sei o que é então!" (RELIGION, 1946: 52).

Porém a revista *Life* em sua publicação de 24 de junho de 1946, com o seguinte artigo: "Ministro na cidade mineira: um jovem presbiteriano pregador aplica cristianismo prático para uma cidade mineira de *West Virgínia*", apresentou algo a mais, comparada a *Time* (MINING-TOWN MINISTER, 1946: 49). A *Life* chamou de cristianismo prático o que Smith chamava de Solidariedade Fiel.

Nessa edição tratando sobre Richard C. Smith, a *Life* apresenta uma série de fotos, sete imagens sobre esse trabalho missionário, algo que a *Time* não o fez, pois apresentou apenas duas (MINING-TOWN MINISTER, 1946: 49). No foco da *Life*, também entraram os mesmos trabalhos destacados na *Time*, como a biblioteca, a piscina e as aulas de natação, bem como as atividades sociais com música e esporte, as aulas sobre segurança em minas e aulas de religião nas escolas públicas.

Porém, vale destacar o que a *Life* focalizou em especial, diferenciando-se da *Time*. Primeiramente trata-se da coleta de lixo naquela região (MINING-TOWN MINISTER, 1946: 49), o que evidentemente mostra que o poder público daquele local não o fazia. Há também um relato sobre uma clínica de bebês, sobretudo utilizado em situações de acidentes, onde essas crianças podiam ser assistidas, e obviamente o Sr. e a Sra. Smith ajudavam nesse trabalho. Em 1942, diante de um acidente de mina onde 80 mineiros vieram a falecer, Richard Smith e Beatrice Smith cuidaram de várias crianças órfãs de seus pais, enquanto suas mães esperavam nas buscas dos atingidos pelo acidente (MINING-TOWN MINISTER, 1946: 49).

Outro destaque, é quanto ao "trabalho duro" de Dick Smith, que se mistura com os mineiros em roupas não sociais e amarrotadas. "Não é apenas um mero pregador de

Domingo, mas também ensina religião em escolas públicas e realiza programas de rádio" (MINING-TOWN MINISTER, 1946: 50).

Mas o que mais nos chamou atenção quanto a publicação da *Life* foi uma foto e legenda, destacando o serviço de Richard C. Smith se tratando de relações raciais. Coloca a revista que "relações raciais são facilitadas por Smith. Crianças negras compartilham oportunidades de brincar com as crianças brancas. Uma vez na semana, negros e brancos nadam juntos na piscina"(MINING-TOWN MINISTER, 1946: 50).

Tal informação merece destaque, pois trata-se da década de 1940, antes das militâncias de Martin Luther King Junior (1929-1968) pastor cristão defensor dos direitos humanos dos negros nos EUA, e mesmo do mulçumano Malcom X (1925-1965), também militante pelos direitos sociais dos afro-americanos nos EUA e no mundo. Ambos foram assassinados.

Além disso, o que talvez tenha motivado a imprensa norte americana em escrever sobre Richard C. Smith, tenha sido a informação que temos de que aquela piscina construída em *Scotts Run* pelo trabalho e articulações de Richard C. Smith, foi a primeira piscina de um estado do sul dos EUA que permitiu que negros e brancos nadassem juntos. Segundo informações que temos, isso inclusive gerou problemas a Richard C. Smith, onde alguns da comunidade o criticavam e o enfrentavam (SMITH, 1987).

Após esses anos em *Morgantown*, de 1941 a 1952, Richard C. Smith e família vão para *San Anselmo*, Califórnia, onde trabalhou como professor no Seminário Teológico São Francisco em *San Anselmo*, e lá foi encarregado de criar uma área específica de formação teológica: "O Departamento do Seminário para trabalho de campo" (SMITH, 1957: 2), área que estudava e organizava as aptidões dos aspirantes ministros para campo pastoral e missionário. Por isso ele era o "Professor responsável de serviço de campo do estudante" (SMITH, 1957: 7). Já na década de 1960, Richard Charles Smith desembarca em outro ambiente social marcado pela industrialização e exploração do carvão mineral: No sul do Brasil, em Criciúma, no estado de Santa Catarina (A IGREJA PRESBITERIANA DE CRICIÚMA, 1962: 2-3).

Dito isso, tratamos a seguir de apresentar algumas considerações, que obviamente, não finalizam a pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta comunicação destacamos alguns eventos a partir da experiência religiosa e social de Richard Charles Smith em *West Virginia* no intuito de percebermos que uma biografia, em um momento muito específico, delimitado, pode revelar, se observada analiticamente, um universo cultural engendrado por relações únicas, mas que apresentam peculiaridades sobre cultura, economia, religião e até política de um determinado ambiente, sendo esse especificamente, parte da História dos EUA do século XX. Especificamente, concluímos que Richard Charles Smith efetivou em *Morgantown* práticas religiosas e sociais que se enquadram numa teologia que nasce em solo norte americano: O Evangelho Social. Esse Evangelho social, que teve como seu primeiro inimigo o Fundamentalismo protestante norte americano, buscava novas respostas nos ensinamentos de Jesus, que relacionava uma reflexão entre fé e ação social. O Evangelho Social foi resultado de uma confluência de teologias e ideologias que vieram fluindo, algumas delas, mesmo antes do Materialismo histórico dialético. São elementos oriundos do mundo católico, do mundo protestante, da Europa, e dos EUA sobretudo. Tem seu início no século XIX (CAMARGO, 1988: 255).

Nosso objetivo não é criar um ícone heroico. Queremos também perceber no decorrer da pesquisa os limites e falhas desses eventos, que ainda estão em análise, como por exemplo um discurso em favor do meio ambiente.

Porém, entendemos que a memória é algo que pode ser lembrado ou não, independente da fama ou dos tons de celebração utilizados ou omitidos. Richard Charles Smith está longe de ser famoso, nos EUA como também aqui no Brasil. Mas mesmo quando as sociedades, as instituições, grupos, não querem mais lembrar, ou essa memória lhes é omitida, ainda continua sendo memória. Afinal, no interior da lógica da cultura

ocidental, há aquilo que Marc Bloch chamou de religião de historiadores, ou seja, o Cristianismo. Logo, nossa sociedade de algum modo espera e espera muito, e quer ter acesso a essa memória (BLOCH, 2001: 42), mesmo que essa, tenha caído no esquecimento, ou esteja apenas nas folhas amareladas de algum jornal ou revista alocado em algum armário de biblioteca ou arquivo. Assim, em tom teológico, encerramos essa comunicação recorrendo a citação bíblica: "Quero trazer a memória aquilo que pode me dar esperança" (LAMENTAÇÕES, 1997: 861).

REFERÊNCIAS

A IGREJA PRESBITERIANA DE CRICIÚMA, por Alberto F. de Alfeu. *Tribuna Criciumense*. Criciúma, 8 abr. 1962

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, O ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001,

_____. *História e Historiadores*. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.

BOUSFIELD, André Augusto. *A História como ciência e suas decorrências pedagógicas: Uma análise do PPP do curso de História da UNESC a partir de Marc Bloch*. Orientador: Ilton Benoni da Silva. Criciúma: Ed. do autor, 2009.

BURKE, Peter. *A escola dos annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CAMARGO, César S. O Evangelho social: aspectos históricos e teológicos. *Revista Teológica da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE)*, São Paulo, v. 6 (3), n. 31, p. (254-262), dezembro de 1988.

DOSSE, François. *O Desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da USP, 2009.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. *Mozart: a sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar.

LAMENTAÇÕES. In: A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed rev. atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

LIBÂNIO, João Batista; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo: Loyola, 1996.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *O manifesto do partido comunista*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MINING-TOWN MINISTER. A young Presbyterian preacher applies practical Christianity to a West Virginia coal-mining town. *Life*, USA, p. 49-52, 24 jun. 1946.

RELIGION: Working Christianity. *Time*, USA, p. 52, 10 jun. 1946.

SMITH, Richard Charles. [*Ficha Biográfica e Eclesiástica do Rev. Richard Charles Smith*]. EUA. [19-?]. Arquivo do Presbyterian Historical Society, RG360FILE.

_____. *The Seminary department of field work (1952-1957)*. San Anselmo (CA): San Francisco Theological Seminary, 1957.

_____. *Interview of Richard Charles and Beatrice Boot Smith: a 60 minute audio tape recorded at Westminster Gardens, a Presbyterian retirement home*. Philadelphia, Presbyterian Historical Society [call no.: CASSETTE TAPE 1936], 3 fev. 1987. Entrevista concedida a PCUSA.

_____. A evangelização industrial. *Revista Teológica do Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas*. Campinas, n.ºs 33 e 34, 1964,

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2001.